

Adriano Oliveira Bandeira de Melo

Entre arte, anarquia e sobrevivência

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Colegiado de Graduação
em Artes Visuais da Escola de Belas Artes
da Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientador: Geraldo Loyola

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes/UFMG
2019

Agradecimentos

Agradeço, de coração, ao professor Geraldo Loyola, pela orientação e pelas várias conversas que tivemos para poder pensar e repensar este TCC. Agradeço, também, às professoras Juliana Gouthier e Patrícia de Paula, e xs professorxs que caminharam junto comigo nesta graduação em licenciatura.

Agradeço xs colegas de trabalho, de universidade, de estágios, pois muitas das questões expostas aqui surgiram a partir de conversas com elxs.

Agradeço xs grandes amigxs e à minha família, pelo diálogo, pela companhia e pela paciência.

Agradeço xs jovens com os quais eu trabalhei, pois sem elxs essas reflexões não seriam possíveis.

Agradeço a todas bandas e escritores punks e anarquistas, por serem minhas principais fontes de referências durante a minha juventude, e que me acompanham até hoje.

E agradeço àquela pessoa em que me baseio para pensar e repensar todas as minhas ações como educador/artista/provocador/interventor, que nunca me deixou desistir e sempre esteve ao meu lado: Nat.

Sumário

Introdução	9
Capítulo Um: La Idea, arte, anarquia, subversão	13
Capítulo Dois: Artista, Professor, Sobrevivente	17
2.1 – Material didático para Artes Visuais	21
2.2 – Estágios na educação formal	24
2.2.1 Experiência na Escola Estadual Governador Milton Campos	24
2.2.2 Experiência na Escola Estadual Cristiano Machado	26
Capítulo Três: Arte e educação não formal	28
3.1 Experimento Um: Sistema Socioeducativo	29
3.2 Experimento Dois: Fica Vivo!	32
3.3 Projeto Conexão Comunidade, da ONG AIC	34
Considerações Finais	37
Referências	40
Caderno de imagens	41

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta reflexões sobre algumas experiências de estágio e trabalho nos sistemas de ensino formais e não formais. São apresentadas algumas diferenças de métodos de trabalho, liberdade de atuação e efetividade nas ações em cada contexto. Com foco no ensino do componente curricular Arte, são discutidos a proposta de ensino e a maneira como é apresentada para os jovens, suas dificuldades, seus diálogos e seus acertos. Também é discutido, de forma sucinta, a insatisfação de jovens e professores com o atual sistema educacional, tornando a escola um local desagradável.

Palavras-chave: Arte, educação, escola

Introdução

“As lições estão no quadro - a salvação no altar. Nós trocamos os desejos por aceitação. Pessoas têm o seu papel - você aprende o seu. Te ensinam o destino, mas não de onde provém. Talvez isso explique a existência de heróis. Pessoas como nunca vamos ser - livres e fortes”

Colligere – O Poder do pensamento negativo

Este Trabalho de Conclusão de Curso diz respeito a uma série de reflexões sobre espaços de trabalho onde pude atuar e a potência da arte em cada um deles. A ideia surgiu a partir de algumas experiências de trabalhos na educação não formal em projetos sociais, ONGs e no sistema socioeducativo¹, e de estágios no contexto de educação formal em duas escolas estaduais de Belo Horizonte. Paralelamente à isso, estudava a graduação de licenciatura em Artes Visuais na Escola de Belas Artes da UFMG, e ao ter contato com as teorias da educação e sobre o que é o ensino de Arte, pude compreender que os locais por onde transitei são espaços diferentes entre si, que abordam as questões do ensino de Arte de maneiras distintas, além de contribuir sobre como poderia atuar nesses contextos com a minha experiência como artista/propositor.

Tendo como base uma ideologia ligada ao anarquismo, me chamou a atenção a falta de liberdade em contextos educacionais. Retornar para a escola após quase 15 anos de formado, me fez comparar a escola com o sistema prisional, com regras e deveres similares entre si. Na época, trabalhando com jovens que cumpriam Medidas Socioeducativas em regime de Semiliberdade, me pareceu pertinente dialogar com Foucault, que já havia feito essas comparações na

¹ Sistema de penas para jovens que cometeram atos infracionais. Ver capítulo 3.

sua obra “Vigiar e Punir”. E ao pesquisar mais a fundo, foi espantoso encontrar um jogo *online*² no qual é apresentada uma imagem que você deve adivinhar se é uma escola ou se é uma prisão. Parece fácil, mas de 20 fotos apresentadas, acertar 5 na primeira tentativa é muito, pois tamanha é a semelhança entre os ambientes.

O objetivo deste Trabalho mudou de foco durante sua elaboração, pois a comparação com o sistema prisional me pareceu tema de uma pós-graduação, devida a sua densidade de informações, sendo que as críticas ao sistema educacional surgiram através de outra perspectiva. Descrevendo meu trabalho como educador do sistema de ensino não formal, compreendi que em algumas situações eu conseguia resultados mais satisfatórios do que aquele realizado dentro de sala de aula na educação formal. Dentro da escola tradicional o professor deve seguir um currículo pré-estabelecido e são poucos os que conseguem fazer algo além do esperado. Nos locais por onde estagiei, houveram pouquíssimas aulas práticas, tendo o livro didático como principal referência. As aulas não rendiam o esperado e o professor constantemente reclamava da instituição, dizendo que ela interfere demais no trabalho.

Já na educação não formal, o educador possui mais autonomia para atuar, mas não é uma regra. No sistema socioeducativo, por exemplo, eu fui limitado por uma série de regras institucionais e de diretrizes que orientavam o trabalho do educador. Diferentemente, o trabalho com ONG e projetos sociais me possibilitou liberdade de atuação e de proposição, possibilitando o desenvolvimento de um trabalho a longo prazo.

Me baseei em quatro autores para discutir essas experiências: Ana Mae Barbosa, Paulo Freire, Silvio Gallo, e Juliana Gouthier Macedo. Ana Mae Barbosa, com as obras “Tópicos Utópicos” e “Arte/Educação Contemporânea” me forneceram ideias sobre o ensino de Arte, seu propósito, teorias sobre educação e vários exemplos de métodos e metodologias. Em “Pedagogia da Autonomia”, Paulo Freire discute várias questões sobre o processo de ensinar/aprender, e como se dá a relação entre educador e educando, seus paradigmas, além de traçar caminhos significativos para essa relação. Em “As múltiplas dimen-

sões do Aprender” de Silvio Gallo, são relatados processos diferentes de ensino e de aprendizagem, onde as relações sociais são instrumentos potentes de compartilhamento de experiências, sendo o que mais se aproxima de uma educação voltada para construção de sujeitos autônomos e livres. Por último, a dissertação “Inventário e Partilha”, de Juliana Gouthier Macedo me trouxe uma aproximação conceitual sobre o trabalho em ONGs e projetos sociais, e me permitiu discutir sobre as experiências que tive em contextos similares.

Complementando o corpo do texto, algumas ideias de Guy Debord em “A Sociedade do Espetáculo” se apresentaram essenciais para exemplificar algumas passagens e dialogar com as ideias de arte e anarquismo, e o capítulo de Pietro Ferrua no livro “Arte e Anarquismo” conceitualizou um pouco melhor o que seria esse tipo de manifestação.

Antes de cada capítulo, algumas letras de bandas *punks* e anarquistas abrem o chamado para questões que pouca gente discute no meio musical: a liberdade, a autonomia e a educação.

² <<https://www.maristane.com/school-or-prison/pt-BR/>> Acesso em 25/11/19

Capítulo Um: La Idea, arte, anarquia, subversão

“Você aprende o que comprar para esquecer sua falta de poder e de liberdade. Sua vida vai embora - você reza pro tempo passar. No final, é tudo uma questão de aceitar as regras. Abrir mão de algumas coisas para ter outras.”

Colligere – O poder do pensamento negativo

Refletir sobre o meu processo artístico e especialmente passar para o papel estes pensamentos foi algo que comecei a desenvolver de forma mais sistemática apenas no final da minha trajetória acadêmica. Não é difícil, então, compreender por que esta etapa me provoca uma certa ansiedade e talvez até um pouco de angústia. Dentre os vários momentos aflitivos que tive na vida, o tempo de escrita do TCC em Gravura, concluído em 2017 na Escola de Belas Artes da UFMG, foi um incômodo a parte. Falar sobre mim, meu trabalho, minhas ideias, meu pseudônimo e resgatar toda a história de trabalho e reflexões que já começava a se perder foi um esforço que precisou contar com uma certa persistência.

Me ver agora, novamente neste transcurso, me faz perceber a necessidade de voltar aos meus escritos de dois anos atrás. Mesmo não tendo naquela época a consciência e nem o objetivo de atuar nos espaços não formais de educação em que me encontro hoje, é impossível não retomar essas memórias uma vez que a habilitação que estou finalizando, como licenciado em Artes Visuais na mesma instituição, é continuidade de toda esta formação, no qual misturam-se ideias, produção autoral e proposições para o ensino/aprendizagem.

Além de considerar que todo este processo facilita minha própria percepção como um professor/artista/propositor, sem hierarquia de importância ou de valores nessa tríade.

Pontuando mais especificamente sobre meus trabalhos, tudo o que produzo enquanto artista utilizo o pseudônimo “La Idea”. Este

nome faz referência a uma música de uma banda anarquista espanhola chamada *Sin Dios*, que fala sobre viver em harmonia coletiva, liberdades e utopias³. A letra da música descreve bem a forma de pensar meu trabalho e de como eu gostaria de viver. Muitas outras letras ou trechos de letras de músicas acompanham o meu processo de criação artística e ações no ensino/aprendizagem e estão também presentes neste texto.⁴

De forma autônoma, minha produção artística se inicia compreendendo o *stencil* como uma técnica de gravura, o que me possibilitou desenvolver uma expressão estética para o meu trabalho. Como artista interventor, busco no espaço urbano os locais de exposição de meus trabalhos, minhas ideias, percebendo a rua como o local mais democrático para exposição de arte independente. Nesse sentido, parte do que produzo é dedicado ao espaço urbano em forma de cartazes lambe-lambe e outra parte é dedicada a exposição e venda em minha loja online ou presencialmente, em feiras alternativas de arte. Em se tratando das ações urbanas, o registro é uma das formas de exposição, pois é através das redes sociais que as imagens geram um grande alcance.

Cabe aqui pontuar que quem atua nesse ambiente deve estar ciente de que tudo produzido no espaço público é efêmero, pois pode sofrer ações de diversos atores, pode ser apagado, pode perder espaço para a publicidade e isso é algo com o qual o artista deve saber lidar. Nada é para sempre.

Outro ponto que considero importante a ser tratado sobre as intervenções urbanas, diz sobre a permissão ou não dos “donos do suporte”, pois nesse contexto há um julgamento moral que limita a atuação do artista. A obra produzida por livre e espontânea vontade do artista se torna potente à medida que ganha notoriedade, seja pela estética, pelo conteúdo ou, em alguns casos, até mesmo pela ousadia. O ideal anarquista seria então o conceito mais apropriado para

compreender a arte como uma ação contrária à ideia de propriedade, renegando esse plano de pertencimento tanto ao privado e particular, quanto ao estado.

O anarquismo é um conjunto de ideias e ações que nega a existência do Estado, considerando-o nocivo para as liberdades individuais e coletivas, bem como toda a estrutura de hierarquização, poder e autoritarismo pertencentes a ele. Surgiu nos fins do século XVIII e atuou de forma enfática até meados do século XIX. Atualmente, o anarquismo se divide em várias frentes e serve de modelo para encontros de autogestão e movimentos sociais que buscam uma horizontalidade em suas relações.

Pietro Ferrua tenta conceituar o que seria, de fato, uma arte anarquista, pois havia muitos retratos de anarquistas ou cartazes de movimentos que serviam mais de propaganda que de difusão de ideias, e que não, necessariamente, são produzidos por anarquistas ou que possuem temáticas anarquistas.

De acordo com Ferrua (2001) o artista anarquista é “independente, heterodoxo, aberto à novidade, sempre pronto a questionar-se” (pg. 20), e acrescenta que a “a obra pode se tornar anarquista se o artista assim quiser” (Ferrua, 2001, pg. 20), conferindo um caráter de intencionalidade à obra. A arte anarquista é provocativa, ousada, desafia os parâmetros das instituições, rompe com cânones tradicionais e, ainda assim, não possui uma regra ou uma temática definida. Neste sentido, se apresenta de variadas maneiras, em diversos contextos.

Guy Debord, em “Sociedade do Espetáculo” (1997), tece uma crítica à postura passiva dos cidadãos dizendo que “quem fica sempre olhando, para saber o que vem depois, nunca age: assim deve ser o bom espectador” (pg. 183). Esse trecho exemplifica bem a forma com que muitas pessoas lidam com seu cotidiano, e a arte anarquista deve ser engajada no contrário dessa ideia, ou seja, ativa.

3 “Llevamos un mundo nuevo en nuestros corazones/De igualdad y de justicia, de ciencia y “sinpoder”/Libertad en armonía, orden sin gobernar/Bajo el cielo un nuevo sol: el sol de la anarquía/Es la idea libertaria/Apoyo mutuo y autogestión/Luz gloriosa, la revolución”

4 Alguns trechos estão presentes antes de cada capítulo.

Capítulo Dois: Artista, Professor, Sobrevivente

“Sentimos que agora é necessário te fazer sentir. Que temos um sonho em comum que está crescendo por si. Uma forma de libertação que sempre sonhamos. Os caminhos se abrem e apontam para um futuro melhor”

Ação Direta – O Novo grito

“Se posso aprender também posso ensinar, aberto ao novo e nunca cristalizar, gritar, chorar, doer, pensar em mim. Viver o total, o mundo é e não é teu. (...) Se dou um passo à frente já estou em outro lugar. Não preciso de suas muletas pois os pés eu vou usar. É ter autonomia pra guiar, olhar pra qualquer lado e ter o direito de me esborrachar.”

Dead Fish - Viver

Em todas as técnicas de gravura que eu estudo, busco uma maneira de transformar esse conhecimento teórico/empírico em um acontecimento para ser compartilhado em forma de cursos e oficinas. Foi uma maneira de seguir trabalhando, experimentando e desenvolvendo técnicas sem, necessariamente, alcançar um produto final, focando mais no processo criativo, pois “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 2014, págs. 24 e 25)”.

Fiz meu primeiro *stencil* em 2007, e já em 2009 desenvolvi minha primeira oficina com essa técnica. A partir de 2009, ministrei várias oficinas de maneira independente, utilizando também outras técnicas diversas e mais recentemente comecei a trabalhar com instituições privadas e estatais. Algumas foram oficinas longas, outras, bem curtas, que duraram poucas horas, mas com um público amplo e bem diversificado e, de certa forma, carentes de experiências com a arte. Durante esse tempo trabalhei também para ONGs, Movimen-

tos Sociais, Associações e Movimentos Estudantis. Uma coisa que me chama atenção ao lembrar desses momentos é recordar todas as vezes que eu não fui pago pelo trabalho, sobretudo quando eu estava começando e como, mesmo nessas adversidades, decidi seguir esse caminho.

Talvez o trabalho que melhor se encaixou nas minhas convicções de professor/artista/propositor seja o que faço atualmente, dentro do Programa Fica Vivo!, ofertado pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte. Nele eu proponho atividades e experiências artísticas para um público entre 12 e 24 anos, sem a obrigatoriedade de presença, e sem seguir um currículo pronto definido pelo Estado. É um espaço de troca de vivências, de diálogo, de experiências onde os jovens podem ser eles mesmos. Ali, no contexto deles, dentro da comunidade do Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, é onde eles escrevem suas histórias, seus anseios, seus conflitos e tudo isso, de uma forma ou de outra, é trazido para a oficina.

Penso que trabalhar é uma questão complexa e conflituosa. Entender que as minhas convicções político-ideológicas se aproximam do anarquismo me fazem enxergar um cenário um tanto divergente, onde um sujeito que não acredita em Estado, nem em instituições privadas, presta serviços como propositor de ações artísticas para ambos. No entanto, foi por uma necessidade financeira que busquei por trabalhos além da produção autoral, o que me permitiu perceber que estas são, também, formas legítimas de pensar arte e de propor experiências de arte para esse público que, provavelmente, não teria acesso a esse tipo de proposição por via da educação formal.

Como todo artista, também necessito de recursos financeiros para produzir o meu próprio trabalho, e de tempo para refletir sobre tudo que é feito. O mercado de arte - oficial, legitimado, de galerias que vendem trabalhos dos artistas - não é algo que me desperta interesse, portanto, é através de projetos e programas sociais que artistas propositores, como eu, conseguem manter-se. O conflito é latente e me incomoda, mas também não consigo entender o voluntariado como uma alternativa nesse momento, pois esse tipo de trabalho tem custos de materiais, alimentação, transporte, etc. e eu não

tenho como arcar com isso. Desta maneira, esse dilema se apresenta em minha vida profissional, pois viver em um sistema capitalista me obriga a trabalhar para garantir um salário, e manter uma produção ativa que, em teoria, propaga ideias contra o capitalismo.

Apesar de prestar serviço para instituições públicas e privadas, muitas vezes não há censura ou fiscalização, e é justamente dentro desses espaços, nessas brechas institucionais, que a liberdade e a arte conseguem atuar. Em alguns programas, como o Fica Vivo!, o Estado se preocupa muito mais com números e com estatísticas do que necessariamente com ideias e conteúdos trabalhados nas oficinas.

Por outro lado, é bom porque não imponho limites nas temáticas, na expressão e nem censuro nada que façam. Não há nada melhor para compreender a si mesmo do que dialogar com suas vivências e com o espaço em que habitamos. Durante toda essa minha trajetória, apenas em uma única situação tive que intervir, pois um jovem havia desenhado uma suástica como tatuagem de um personagem. Neste dia, tivemos que parar a oficina e conversar sobre nazismo e os males causados por esse tipo de política. Além da conversa, mandei, como “para casa”, uma pesquisa na internet sobre o que foi o nazismo. Se foi o suficiente, não sei, mas penso de que esses minutos de conversa serviram de reflexão para que soubessem sobre o significado daquele símbolo. Segundo Silvio Gallo (2012) “pensamos quando nos encontramos com um problema, com algo que nos força a pensar. E aprendemos quando pensamos” (p.4).

A liberdade de expressão, de criação e o diálogo nas oficinas se tornam questões fundamentais para o andamento das ações. Naquele espaço os jovens não se sentem inibidos, acanhados, e nem reclamam de estarem ali naquele horário. Eles vão porque têm o desejo de frequentar as oficinas, de trocar ideias e experiências, porque entendem que aquele espaço é importante para o que desejam, e fico feliz de compreender minha função de propositor/provocador junto a eles.

Na lógica da troca de experiências e de saberes entre educadores e educandos, minha forma de planejar as propostas visam incentivar o pensamento e a busca de soluções para chegar a um objetivo, mesmo que o objetivo seja apenas um exercício ou uma ação lúdica. A

educação formal falha muito nesse sentido, pois percebo que muitos jovens não conseguem, ou conseguem pouco, refletir sobre os problemas, pensar em soluções, experimentar possibilidades e desenvolver algumas ações e exercícios de maneira apropriada. Ainda estão no lugar de receber uma ordem e executar, sem questionar as razões daquela tarefa.

Fico pensando nesses métodos e metodologias de ensino voltados para a repetição de exercícios como forma de fixação de conteúdo, ou o fato da necessidade de estudos somente para fazer uma prova, porque existe ali uma ameaça de reprovação latente. Penso que esse tipo de ensino chega a ser cruel, pois faz o aluno decorar fórmulas e conceitos sem necessariamente estar implícito algum tipo de construção de conhecimentos. Para John Dewey apud BARBOSA (1998), “conhecer significa ter uma experiência e não apenas ter experiências. Uma experiência completa é tão íntegra que a sua conclusão é uma consumação e não uma cessação” (p. 22).

Conceber e elaborar propostas de ensino/aprendizagem requer um tempo para planejamento, e nem sempre se consegue um resultado satisfatório, como o esperado. Em um local onde estão juntos vários atores, é normal, e até necessário, que a proposição tome rumos diferentes do esperado. Isso significa que não se tem um conteúdo ou uma ideia sendo imposta, mas que existem vários pensamentos que estão dialogando para chegar a uma determinada solução. E se não chegar a um produto definitivo, também é um passo importante, pois surgem outras questões a serem pensadas, e novas ideias surgirão a partir da não-conclusão de algo.

Nesta linha de pensamento, de forma alguma eu desejo que os jovens que participam das oficinas me sigam ou tentem reproduzir exatamente o que faço, nem mesmo incentivo esse tipo de prática. Compreendo que diversas técnicas exigem um certo rigor e conhecimento específico, mas, para além disso, a experimentação e a extração desse conhecimento tornam o processo muito mais prazeroso e a construção do conhecimento fica muito mais efetiva. De acordo com Freire (2014) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (pg.24).

A educação possui uma função de dar sentido ao conhecimen-

to, com o objetivo de construir, por cada sujeito, seu senso próprio de autonomia e liberdade de atuação. Muitos são os casos em que, na teoria da educação, fala-se em “fracasso escolar”, porém, precisamos considerar que o aluno talvez não tenha se adaptado ao modelo da escola e decidiu seguir rumos que fizesse mais sentido para ele. Muitos desistem de estudar, focam em trabalhar, arriscam alguma carreira artística, ou mesmo encontram no crime um espaço de sobrevivência.

Durante esse processo de reflexão, percebi que maior parte das escolas por onde transitei não dialoga com a heterogeneidade das pessoas e da comunidade. A escola deveria ser um ambiente agradável, onde todos sentissem prazer em frequentar, em compreender que é um espaço de vivências, de trocas e compartilhamentos de experiências e conhecimentos, um lugar que deveria engrandecer os indivíduos de forma coletiva. Contudo, o que percebo em muitos lugares é exatamente o contrário, sendo a escola vista como um local indesejado por parte de alunos, pais e funcionários.

Nos subcapítulos que seguem, apresento um pouco sobre as minhas experiências em estágios na educação formal, discutindo um pouco das vivências em cada contexto, bem como a criação de uma proposta de material didático para Artes Visuais, focado no processo e não no resultado.

2.1 – Material didático para Artes Visuais

Na graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes, habilitação Licenciatura, cujo texto aqui é fruto desse processo, cursei as disciplinas Laboratório de Licenciatura I e II, que propõem a concepção, produção e desenvolvimento de materiais didáticos para o ensino/aprendizagem.

Para essas disciplinas, elaborei um projeto de material didático com o objetivo de propor um desapego do resultado final, e focar no processo de produção, observando, registrando e compreendendo outros pontos de vista. A proposta consiste em uma roda de dese-

nho de observação, com uma composição ao centro, para observar e desenhar. Essa composição é feita com os materiais disponíveis no local. Em diversos momentos, no decorrer da experiência, é proposta a troca de lugares dos participantes e das coisas, seus materiais, seus papéis e seus assentos, tirando o controle sobre o resultado do processo de cada indivíduo. Ao final, os desenhos de observação possuem intervenções de diversos olhares, ângulos e materiais, e na maioria das vezes nem se parecem com a composição original.

Desenvolvi essa proposta em duas ocasiões: com meus colegas de Licenciatura e em sala de aula com alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública na cidade de Belo Horizonte. Alguns pontos me pareceram necessários de explicar. O primeiro deles é a dificuldade encontrada por todas as pessoas em abrir mão do seu desenho, de perder o controle sobre o processo. O segundo ponto relatado foi a dificuldade de dar segmento a um desenho iniciado por outra pessoa, a partir de outro ponto de vista. Essas duas questões estão muito interligadas, pois mostram que o resultado do processo juntamente com a autoria do produto, ainda são questões marcantes.

Um terceiro ponto relatado por vários participantes, sobretudo meus colegas de Licenciatura, foi o desejo de não dar segmento ao desenho do outro, ao perceberem que ele já se encontrava interessante, e a partir dali qualquer intervenção atrapalharia a composição. Esta questão, apesar de dialogar com os primeiros pontos, coloca também em xeque uma dificuldade latente entre os estudantes de arte: onde exatamente termina o trabalho, quando o trabalho está pronto?

No meio artístico o processo criativo é contínuo, e muitos artistas seguem intervindo em suas obras, pois nem sempre estão satisfeitos com o resultado. Este resultado, geralmente relacionado à estética e à aparência, sofre mudanças constantes, pois as ideias do artista mudam no decorrer do tempo, visto que nesse espaço/tempo vive-se novas situações. No caso da minha proposta, a ideia era justamente não haver um fim, mas intervenções sobre outras intervenções, com o objetivo de incentivar exercícios mentais, para criar e encontrar modos de trabalhar na composição sem, necessariamente, obter um produto.

As duas oportunidades em que foi desenvolvida a proposta foram bem diferentes. No contexto universitário, os alunos são mais abertos e se propõem mais ativamente a participar e a discutir o processo pelo qual estão atuando. No contexto da educação básica, no ensino fundamental, os alunos são mais tímidos, tardam um pouco mais de tempo a compreender a proposta, além de terem uma preocupação ainda maior com o desenho do outro, contextualizando durante todo tempo qual desenho é bom e qual é ruim e, desse modo, fugindo à proposta da atividade, mas abrindo espaço para outras discussões relacionados à julgamentos de valor.

Outra diferença encontrada foi o fato dos meus colegas da Licenciatura, ao final da experiência, me devolverem os desenhos, contribuindo para a criação de um portfólio, enquanto os alunos do ensino fundamental pediram o desenho no qual iniciaram a atividade, para ver o resultado e/ou levar para casa.

Vale salientar que a proposta somente pôde ser aplicada nos dois contextos porque houve envolvimento tanto dos alunos, como dos professores. Na Universidade, os alunos se propuseram a participar das ações de todos os colegas, para que pudessem experimentar, um pouco, de outros processos de construção de materiais e de ideias. Na escola de educação básica, a professora abriu as portas para que pudéssemos realizar a atividade, e essa quebra na rotina dos alunos fez com que a participação fosse mais interessante para eles, que perguntaram várias vezes quando voltaríamos, afirmando que “nossa aula era muito mais legal”.

Apesar de entender a proposta como apenas um passo na construção do ideal de ensino, me coloco na posição de professor efetivo em escolas, e compreendo que se fosse eu ali todos os dias, os alunos já não achariam minha aula tão interessante.

2.2 – Estágios na educação formal

2.2.1 Experiência na Escola Estadual Governador Milton Campos

A Escola Estadual Governador Milton Campos, também conhecida como Estadual Central, é um local tradicional de Belo Horizonte pois, além de possuir uma arquitetura moderna premiada de Oscar Niemeyer, tem um histórico de ex-alunos que se tornaram cidadãos notáveis na política nacional. Carregando comigo estas referências, tamanha foi a minha surpresa quando comecei o estágio e compreendi que essa notoriedade da escola já havia passado havia décadas, e que hoje é uma escola comum, com diversos problemas estruturais.

O número de alunos reduz a cada ano, sobretudo pela implantação da Escola em Tempo Integral, que desagradou o corpo discente. Além disso, os alunos não possuem liberdade de trânsito entre as unidades I e II (separadas apenas pela travessia de uma rua), e no horário livre, não há muito o que fazer. Existem poucas opções de lugares para sentar, e poucas atividades para esse momento de ócio entre os turnos: totó, futebol improvisado no vão livre⁵, alguns alunos dormem no chão, outros leem, outros escutam música, muitos se agrupam em cantos isolados. Há pouco espaço com sombra, a cantina não comporta a quantidade de alunos. Muitos comem sentados no chão do corredor ou dentro da própria sala de aula. Grande parte dos alunos é completamente desinteressada pelas aulas. Os alunos são obrigados a manter-se dentro do espaço da escola durante todo o tempo, o que faz com que um considerável número de alunos pule o muro da instituição. Há disciplina de horários e de provas, com concentração de conteúdos voltados para o exame do ENEM. Grande parte dos alunos vem de outros bairros e, atualmente, são indesejados pela comunidade ao redor.

Esta escola não possui uma sala de Arte e existe uma burocracia para sair com os alunos de sala para fazer alguma atividade. As aulas são em módulos de 50 minutos e é preciso dedicar um tempo

para fazer chamada e mais alguns minutos até que todos se sentem em suas carteiras. As aulas são majoritariamente teóricas, com poucas atividades práticas. As atividades práticas foram, em sua maioria, exercícios para serem feitos em casa. Visitas às exposições eram realizadas fora do horário de aula, geralmente no contra-turno. As aulas adotavam um rigor acadêmico do currículo básico de Arte, seguindo uma cronologia definida pela história da arte e com boa parte do conteúdo oriundo do livro didático da escola. Os alunos fazem uma prova bimestral que segue o mesmo formato do ENEM. O componente Arte não pode reprovar os alunos, mas segue o mesmo formato de aula e de avaliações das outras áreas de conhecimento, o que não me parece muito sensato. Os alunos não sabem da não reprovação, e muito do andamento da aula depende dessa ameaça constante de não conseguir os pontos necessários para “passar de ano”.

Em diversas situações presenciei turmas completamente apáticas e desmotivadas. Quando a professora propunha uma roda de conversa, por exemplo, os alunos reclamavam que precisariam alterar a organização das carteiras, e isso daria muito trabalho, e a maioria das aulas acabam acontecendo com uma configuração bem tradicional, com o professor à frente e os alunos voltados para o quadro. Propor uma alteração desta ordem foi considerado um absurdo pelos próprios alunos, pois eles não compreenderam que as carteiras em círculos confeririam uma horizontalidade durante a conversa.

Além de observar o andamento das aulas, pude fazer uma demonstração de impressão em serigrafia e em xilogravura, explicando como funcionam os processos físico-químicos atuantes em cada etapa. Pude, também, conversar brevemente sobre teoria das cores, e, em tempo, a professora que eu acompanhava foi advertida pelo professor de física de que “cor é matéria de física, não de arte”. Isso demonstrou como o conhecimento é fragmentado dentro da instituição, impossibilitando o diálogo.

Foi uma das poucas aulas práticas que os alunos tiveram no ano letivo, e mesmo assim foram apenas algumas turmas. Esta demonstração só foi possível porque eu levei todo o material necessário para a realização das impressões e, se não fosse por isso, é provável que eles nunca teriam contato com esse modo de produção. A matriz

⁵ Vão Livre é um termo técnico da engenharia e da arquitetura que designa um grande espaço entre duas pilastras de sustentação de algum edifício.

de xilogravura, com a imagem da Escola gravada, eu deixei de presente com a professora, que deve fazer demonstrações do tipo em outros semestres e com outras turmas.

2.2.2 Experiência na Escola Estadual Cristiano Machado

A Escola Estadual Cristiano Machado situa-se no bairro Padre Eustáquio, em Belo Horizonte, e foi um dos contextos de maior precariedade que encontrei em um ambiente escolar. As salas eram gradeadas e não possuíam energia elétrica. Muitas carteiras estavam completamente destruídas e havia poucos lugares para sentar-se. O muro da quadra estava caído, havia um buraco enorme, por onde pessoas entravam ali para dormir durante a noite. Vários alunos reclamavam o quanto esta escola se parecia com uma prisão. Em algumas turmas não havia carteiras suficientes, e os alunos ficavam de pé ou fora da sala.

Paulo Freire (2014) alertava para este tipo de situação ao narrar um pouco da sua experiência na Secretaria de Educação de São Paulo: “Como cobrar das crianças um mínimo de respeito às carteiras escolares, às mesas, às paredes, se o Poder Público revela absoluta desconsideração à coisa pública?” (pg. 45). De fato, parecia um local que havia sido abandonado.

Pude presenciar, em três ocasiões, a mediação da Polícia Militar na escola para conversar com alunos indisciplinados. Havia uma disciplina de cumprimento de horários, mas que não eram cumpridos com muita rigidez e o comércio de balas dentro da escola acontecia a qualquer momento, mesmo sem a permissão de professores. Os alunos, em sua maioria, vinham de vilas e comunidades carentes do entorno da escola.

Ao acompanhar as aulas de Arte percebi de início que o lugar não ajudava em nada. Me pareceu uma escola desleixada, onde os alunos faziam o que queriam e quem trabalhava parecia ignorar que

o lugar era um caos. Lá eu acompanhei turmas do 6º ano do fundamental ao 3º do médio, e muitas vezes vi que a mesma aula e o mesmo conteúdo de Arte eram dados em todas as turmas. As aulas eram parte prática e parte teóricas, com utilização de um livro didático. Pude presenciar também a produção de alguns conteúdos interessantes, como zootropo, *flipbook*, taumatrópio e móveis, mas foram poucos alunos que realmente participaram das atividades. No caso específico dos móveis, a professora dividiu a turma em grupos, mas apenas um grupo se dedicou a pensar a produção do objeto. Os outros grupos, ao verem o sucesso da produção do móvel pelo primeiro grupo, começaram a copiar o modelo e, ao final da aula, havia vários móveis idênticos.

A professora de Arte era chamada várias vezes durante as aulas para conversar com pais de alunos indisciplinados. Em dias de provas, muitos alunos assinavam o nome e a turma entregavam as provas em branco, ou simplesmente marcavam qualquer questão e entregavam a prova. Eu entendia que eles não se importavam com aquilo. Havia um aluno do 8º ano que nem sequer sabia escrever, e eu me perguntava onde que o sistema de ensino desistiu dele. Minha função ali, de observador, me permitiu refletir um pouco sobre os 8 anos de ensino presentes naquele espaço, e como eles deviam passar completamente em branco para aqueles alunos, em termos de construção de conhecimentos. Ali estava presente mais um ambiente de socialização do que um local de troca, de aprendizado.

Mesmo considerando a importância das relações sociais construídas no contexto educacional, Silvio Gallo (2012) ressalta que “qualquer relação, com pessoas ou com coisas, possui o potencial de mobilizar em nós um aprendizado” (pg.3), porém ainda tenho dúvidas sobre a efetividade do ensino neste contexto educacional.

Capítulo Três: Arte e educação não formal

“Distantes do sonho de primeiro mundo. Sem projetos para a educação. Falência do ensino, ausência do estado. Reflexos da degradação. A arma, o crime, novas referência. Agravando a situação. Futuro incerto, gerações condenadas. Carentes de proteção”

Ação Direta – Fator Crucial

Este capítulo aborda as experiências desenvolvidas em projetos socioeducativos, ONGs e projetos sociais, trazendo o registro imagético das ações desenvolvidas. Penso ser de extrema importância enfatizar algumas questões entre as duas formas de educação aqui apresentadas. Na educação formal o currículo tem como referência a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que atua na condição de alinhar as competências do ensino básico. No documento BNCC, o componente curricular Arte é descrito como

“uma importante contribuição para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas”. (BNCC, 2018, pg.193)⁶

É uma citação com um conteúdo profundo, que descreve bem a área de conhecimento, mas que eu não consegui ver na prática como ela funciona. Nos contextos de educação formais em que estive presente, o livro didático é amplamente utilizado sem, necessariamente, construir algum sentido no processo de aprendizado dos alunos, nem dialogando com outros campos de estudos e conhecimento. O documento também insiste na polivalência do professor que rege a

6 Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso 25/11/19

aula de Arte, sugerindo que outras expressões como dança, teatro e música sejam também trabalhadas e parece ignorar a formação plena do professor.

Na educação não-formal, em espaços onde atuei, as propostas são baseadas no que o professor julga ser interessante para ser trabalhado, sem precisar seguir uma cronologia ou algum parâmetro pré-definido. Nesse sentido, os sujeitos se tornam autônomos para pensar e propor atividades para o grupo de jovens presentes. Além disso, a liberdade de circulação e de produção é muito maior que a do ambiente escolar formal pois, ao menos nas minhas experiências, quase não há burocracias para conduzir esse tipo de atividades.

Claro que não existe uma regra geral para a educação não formal, pois cada instituição possui uma forma de trabalho, e uma metodologia que funciona para uma pode não funcionar para outra. Nas três experiências em educação não formal narradas neste trabalho, foram utilizados métodos bem distintos, e há instituições que são mais flexíveis com a atuação do propositor/professor. Este último ponto é determinante para o andamento dos projetos e oficinas, e da adaptação do profissional no sistema.

3.1 Experimento Um: Sistema Socioeducativo

O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE)⁷ é um programa para menores infratores que difere das políticas prisionais comuns, conferindo ao adolescente direitos e deveres, além de assegurar o acesso a itens básicos de cultura e cidadania. Foi instituído pela Lei Federal nº 12.594/2012, e materializou alguns princípios previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990. No Caso de Minas Gerais, existe a Subsecretaria de Atendimento Socioeducativo (SUASE)⁸, que é o órgão que elabora, coordena e executa a política

7 Disponível em <<https://www.mdh.gov.br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/sistema-nacional-de-atendimento-socioeducativo-sinase>> Acesso 25/11/19

8 Disponível em <<http://www.seguranca.mg.gov.br/ajuda/page/339-suase-subsecretaria-de-atendimento-as-medidas-socioeducativas>> Acesso 25/11/19.

de atendimento ao adolescente infrator. O jovem, ao ser julgado por um ato infracional, pode receber penas como o pagamento de multa, o ressarcimento dos danos, trabalho social, comparecimento a palestras, liberdade assistida, regime de semiliberdade e internação. No meu caso, trabalhei como oficineiro em uma Casa de Semiliberdade, no bairro Santa Amélia, em Belo Horizonte.

Apesar da privação em regime de semiliberdade, os jovens usufruíam de diversos serviços e atividade em sua permanência na Unidade: televisão, *videogame*, oficinas de arte e cultura, esportes, jogos, acompanhamento escolar, biblioteca, videoteca, serviços como corte de cabelo, manicure, higiene pessoal. No local havia psicólogos, terapeutas ocupacionais, pedagogos, advogados e diversas oficinas durante o dia. Todos eles são matriculados em alguma escola pública no turno noturno, geralmente EJA (Educação de Jovens e Adultos), e alguns são encaminhados para cursos técnicos.

Há uma disciplina rígida interna, horário para dormir e acordar, ter que lavar sua própria roupa, lavar as vasilhas que sujam, manter o local organizado. Não fazer referências ao crime, ao tráfico, a gangues ou grupos, ao bairro/favela/vila/comunidade em que vive, nem aos artigos em que foram julgados, não podem se envolver em brigas ou conflitos, nem desrespeitar ninguém, pois podem perder o direito à saída aos fins de semana e o reencontro com a família.

Os jovens são oriundos de diversas regiões e é comum a ocorrência de evasões, pois alguns não retornam para a Unidade após a aula na escola ou após a saída de fim de semana.

A minha carga horária de trabalho era de 90 minutos por semana. Devido à alta rotatividade de jovens na Unidade e de outras atividades externas realizadas no mesmo horário da oficina, nem sempre conseguia dar continuidade nas propostas elaboradas por nem sempre encontrar com as mesmas pessoas. Não havia muito material disponível, e tudo que fosse ser utilizado, era contado e recontado ao ingressar na área em que estavam os jovens. Eles eram obrigados a participar das oficinas sob pena de sofrer sanções ou perda de regalias na unidade.

Tive muitas dificuldades para trabalhar no Sistema Socioeducativo. Fui contratado para trabalhar como oficineiro de *graffiti*, mas

as limitações de materiais e de espaço para trabalhar me fizeram repensar o trabalho, levando para o lado do desenho e pintura. Foi muito difícil pensar em desenvolver alguma técnica, pois os jovens que participavam em uma semana poderiam não participar da outra e o trabalho era pensado apenas para aquele tempo de 90 minutos, e nunca pensado para um prazo médio ou longo.

O trabalho ali sempre foi prático. Muitos jovens faziam as atividades por obrigação, portanto faziam de má vontade. Outros atrapalhavam a aula de propósito para sofrer punições, desafiando o sistema. Lá não podia tirar foto e eu tenho poucos registros de trabalhos dos jovens, pois tudo que faziam deveria ser vistoriado para saber se estavam descumprindo as regras da Unidade e do Socioeducativo. Eu também tinha que fazer um relatório avaliando cada jovem, e isso serviria para ele sofrer sanções ou não dentro da Unidade.

Não foi um trabalho bem desenvolvido, pois eu não consegui compreender uma forma de ser oficineiro sem deixar os alunos exercerem sua liberdade de expressão, identificando seu próprio contexto em cada imagem que produziam, pois a norma os proibia de qualquer referência que faziam sobre suas vidas fora dali.

Na posição de artista/propositor, não consigo desvincular a realização de oficinas de arte desconsiderando a trajetória de cada jovem presente. No processo de produção, toda a bagagem de vida acumulada por eles é exposta, e eu compreendo esse diálogo como um essencial mecanismo de reflexão sobre suas ações cotidianas. Limitar a expressão é confinar ainda mais os campos de atuação e expressão dos jovens, pois falar sobre suas vidas é uma parte importante do processo de autoconhecimento e censurar sua linguagem é mais uma forma de exclusão.

De acordo com Barbosa (2010)

“através da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a capacidade criadora de maneira a mudar a realidade que foi analisada” (pg. 100).

No Socioeducativo, o discurso da inserção de oficinas ligadas

à cultura e à educação parece ficar apenas no papel, transformando as oficinas em meros espaços de passatempos dentro da instituição, sem um propósito educacional definido.

3.2 Experimento Dois: Fica Vivo!

O Programa Fica Vivo!, da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Minas Gerais, é um programa com foco na prevenção e redução de homicídios em regiões do estado vulneráveis à violência. O Programa consiste em ofertar oficinas de diversas modalidades para jovens entre 12 e 24 anos, capacitando-os para diversas atividades e formando referências para a comunidade.

Com relação ao trabalho, a carga horária é de 5 horas semanais, com oficinas fora do horário escolar. Como não há obrigatoriedade de comparecimento, os jovens frequentam porque querem, quando querem. Não há censura quanto à temática que eles desenvolvem. As oficinas são voltadas para a livre expressão e desenvolvimento de cada um. Não há exames/testes/provas/notas. Os jovens entram e saem a hora que querem e há muito respeito em relação à história de vida dos jovens. A oficina é realizada no contexto em que os jovens vivem, próximos de suas casas e locais de lazer. Alguns estudam em escolas locais, outros em escolas mais distantes e outros abandonaram a escola por diversas razões.

As temáticas das oficinas são livres, me possibilitando trabalhar com qualquer técnica, bem como circular pelo território com os jovens, conversando sobre os espaços em que vivem e transitam. Neste contexto, consegui desenvolver melhor algumas proposições, como o básico do desenho de observação, alguns tópicos em arte urbana e pintura com diversos materiais. Não há muita rotatividade de participantes, pois grande parte dos jovens frequentam a oficina desde o início, e hoje são capacitados para produzirem a partir de diversas técnicas.

Uma das questões que geram discussão em torno do trabalho é que o oficineiro contratado pelo Programa precisa arcar com os

custos de transporte, materiais e lanches para todos os jovens, e isso é um dos pré-requisitos para a contratação. Há oficineiros que fazem parcerias para adquirir alguns materiais, e garantir participação em alguns eventos, mas não é uma regra. Isso também diz respeito à alta rotatividade de oficineiros no Programa.

Quando comecei a trabalhar nesse programa, muitos jovens chegaram na oficina achando que iriam simplesmente sair com “desenhos perfeitos”, que era simplesmente chegar e me pedir que eu faria o trabalho. Apesar de muita resistência no início, aos poucos eles foram compreendendo que meu papel ali era o de auxiliá-los no processo de produção para que desenvolvessem por si mesmos o trabalho e o exercício da criação. Muitos dos materiais utilizados foram comprados quando ingressei na Universidade e estavam parados no meu atelier. Desta forma, eles puderam experimentar diversas técnicas, utilizando materiais de ótima qualidade, testando suas possibilidades de diversas maneiras.

Uma dificuldade encontrada por parte dos jovens era a de não compreender o que é o processo de produção de um objeto artístico, e muitos me questionavam que queriam desenhar bem, produzindo um desenho realista em poucos minutos. Expliquei que tudo era parte de um processo e que quanto mais eles desenhasssem, mais poderiam chegar onde queriam. Nessa época, compreendi que eles não desenhavam porque não há estímulos para tal, e eu os presenteei com um bloquinho de caderno A5, para que criassem ao menos uma imagem por dia, com qualquer material disponível. A produção dos cadernos começou bem tímida, com pequenos desenhos ordenados nas páginas, mas com o tempo a proporção aumentou, bem como os estilos que desenhavam, arriscando texturas, sombreamentos, cores e tamanhos variados. Eles desenhavam não apenas cópias de outras imagens, mas criavam a partir de suas imaginações e dos seus trajetos diários, buscavam referências nesses locais de trânsito e de permanência, e talvez este tenha sido o momento em que foi concretizada a ideia principal do projeto.

Produzir as páginas dos cadernos foi essencial para o que viria, pois a partir disso, eles chegavam com ideias para realizar pinturas, estampas, murais, gravuras e também com ideias de como gostariam

que fossem os conteúdos das próximas aulas. Nas oficinas, também tive a liberdade de convidar artistas que trabalham com outras expressões, e os jovens tiveram contatos com profissionais de *lettering* e caligrafia, livro *pop-up* e *tunnel-book*, *stencil* de grandes formatos, produção de adesivos e pintura-mural.

Essa é a experiência de trabalho onde consegui chegar mais próximo de uma horizontalidade na forma de ministrar oficinas, aproximando de um princípio pedagógico libertário, buscando a autonomia no processo de aprendizado e tendo a liberdade como o objetivo principal.

3.3 Projeto Conexão Comunidade, da ONG AIC

No segundo semestre de 2019 fui contratado pela ONG Associação Imagem Comunitária como arte educador para fazer parte de uma equipe que iria ministrar oficinas de arte e comunicação, voltadas para o resgate e registro de patrimônio imaterial em 6 localidades brasileiras: Araguari, Patrocínio e Arcos (MG), Brumado e Alagoinhas (BA) e Barra dos Coqueiros (SE). A ideia era iniciar oficinas em escolas das cidades, sobretudo com alunos do ensino fundamental, para realizar um trabalho de memória e capacitação através de vídeos, fotografias, mapas afetivos, mapas de palavras, postais e cartazes. A carga horária da primeira etapa foi de 8h semanais, durante os turnos escolares.

A minha participação foi com a oficina de cartazes e a construção de mapa afetivo de cada local. Nesta dinâmica, primeiramente são apresentados exemplos de patrimônio imaterial e, em sequência realizada uma conversa sobre o assunto com os alunos. Neste momento, buscamos compreender o que é de patrimônio imaterial da cidade a partir da fala dos próprios alunos.

Em um segundo momento da oficina, produzimos um mapa afetivo, desenhando as referências locais em um pedaço de pano. No segundo dia, iniciamos as atividades de produção de cartazes, registrando as ideias de patrimônios locais utilizando técnicas de *stencil*, carimbo, frotagem e monotipia de gelatina (*gellyprint*). O resultado

se mostrava mais satisfatório neste segundo momento, principalmente no âmbito da comunicação. Os cartazes eram produzidos com facilidade, pois não exigia muitos conhecimentos técnicos para a produção.

Por ser um projeto financiado por uma instituição privada, possui recursos para arcar com aulas práticas, munindo os oficinairos de equipamentos e materiais de ótima qualidade, o que confere um produto estético muito bom, e que acaba distanciando muito do que é geralmente trabalhado nas escolas. Macedo (2008) alertava em sua dissertação sobre o trabalho das ONGs, que devem responder aos patrocinadores de cada projeto, e como isso pode sim interferir na efetividade do trabalho educacional. Nesse caso, a ONG AIC me pareceu compreender muito bem as possibilidades de atuação, formando uma equipe multidisciplinar que, apesar de possuir demandas voltadas para a publicidade da empresa patrocinadora, consegue trabalhar na construção de sentidos em cada oficina realizada. De acordo com Macedo (2008)

independentemente da área em que atua a instituição – seja artes, esportes, artesanato, meio ambiente –, é preciso, antes de qualquer coisa, ter noção do que se está propondo, investir no conhecimento com seriedade – o que não significa sisudez (pg. 92).

O projeto ainda terá uma segunda etapa em 2020, e haverá reuniões para avaliar a primeira etapa e iniciar a construção das metodologias para o próximo ano.

Considerações Finais

“Essa é a nossa contracultura. Mais participação, menos expectativa”

Discarga – Contracultura

“Que todos possam entrar na festa que promovem com nosso trabalho. E as paredes não sejam mais prisão, sim abrigo e proteção. Espalhe que a grande notícia já chegou. Chega todo dia, desde o nosso despertar. Somos um enxame atacando um gigante. É fácil confundir silêncio com aceitação, mas há pessoas caminhando em todo tempo e lugar. Não vai parar...”

Colligere – Transformada em escudo e espada a palavra

Dada as minhas experiências em contextos educacionais diversos, não posso deixar de mencionar a minha insatisfação com conteúdos obrigatórios na educação básica, exigindo que os alunos foquem quase que exclusivamente no aprendizado de língua portuguesa e matemática, ignorando que todo conhecimento é interligado. A minha experiência como estagiário na educação formal mostrou que a escola percorre o caminho contrário ao das teorias da educação que almejam a construção da autonomia dos jovens, fragmentando todo o processo educacional, impedindo a construção de sentido naquele ambiente.

As aulas de caráter obrigatório seguem uma rigidez e uma normatização que desagrada os alunos, e estes vivem sob pressão de provas e ameaças de reprovação. Ora, se os alunos chegam no ensino médio com muitas dificuldades de acompanhar o andamento das aulas, onde foi que esse sistema punitivo falhou? A escola se tornou um ambiente onde os atores parecem sempre desinteressados. Tanto alunos quanto professores se frustram diariamente nas salas de aula, um por não compreender o que está sendo exposto, outro por

não conseguir expor. É um diálogo que funciona apenas para parte dos alunos que ainda se adaptam ao modelo.

Paralelamente, trabalhando no programa Fica Vivo!, em duas oportunidades foram produzidos trabalhos pelos jovens cujo foco foi o incêndio da escola. Os dois jovens que produziram essa ideia reclamavam diariamente do ambiente escolar, e um deles abandonou a escola porque “não aguentava mais”. Fica claro que a escola não é um ambiente que os acolhe, e faz todo sentido eles frequentarem uma oficina de Arte fora do ambiente escolar, onde não há nada que os limite.

Sobre a educação não formal, por mais que o meu método de ensino tenha se encaixado melhor, eu entendo que por estar fora da escola, o trabalho rende muito mais. No caso do Fica Vivo! eu não estou presente dentro de uma instituição, eu estou presente no contexto dos jovens e escuto ali seus anseios e reclamações. É uma relação muito mais próxima, mais interessante para dialogar e compreender o que estão passando.

No caso das oficinas junto à AIC, chegar de outra cidade, com outras ideias e materiais em abundância para produzir, foi algo que quebrou um pouco a rotina dos alunos, e eu entendo que parte do trabalho só aconteceu por isso. Não há muito tempo de aproximação, mas há muito diálogo por se tratar do registro das experiências dos próprios alunos.

Em relação ao Socioeducativo, muito ainda deve ser conversado. O caráter das oficinas deveria ser alterado, e hoje eu sei que há oficinairos de outras áreas que trabalham com outras metodologias, tentando fazer uma conexão entre ludicidade e construção de sentido.

O trabalho como educador/propositor/professor/artista é uma luta constante por afirmação da importância de sua atuação, discutindo o conteúdo de cada informação compartilhada, pois “deve-se reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade e sua insubmissão” (FREIRE, 2014, pg. 28).

Não há uma metodologia certa, que funcione em todos os contextos, por isso o diálogo e a busca por soluções deve ser constante. É importante salientar que nenhum conhecimento deve ser impos-

to, e que não há verdades absolutas, mas pontos de vistas que podem e devem ser discutidos.

De acordo com Macedo (2008),

precisamos estar atentos ao que estamos propondo e ter clareza do mínimo que necessitamos para a sua execução. Não adianta termos uma ideia genial se ela não é adequada à realidade de trabalho e ao perfil da turma com a qual estamos lidando (pg. 91).

Cabe ao educador compreender as circunstâncias de cada projeto e/ou espaço, o perfil dos participantes e pensar formas de atuação e metodologias para legitimar as ações e experiências artísticas juntamente a outros contextos de estímulo à criação e ao pensamento crítico, através de diálogos e interseções.

Referências

BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Arte/Educação contemporânea*. Consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 1998.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERRUA, Pietro. *Intencionalidade, anarquismo e arte* In: RAGON, FERRUA, VALENTI, BERTHET, MANFREDONA. *Arte e Anarquismo*. São Paulo: Editora Imaginário, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 49ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GALLO, Silvio. *As múltiplas dimensões do aprender...* In: Anais do Congresso de Educação Básica: aprendizagem e currículo, Florianópolis, n.1, 2012. p. 1-10.

MACEDO, Juliana Gouthier. *Inventário e Partilha*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. 2008.

Caderno de imagens



Figura 1 - Cartaz lambe-lambe produzido com stencil. Fonte: Acervo do autor. (Cap. Um)



Figura 2 - Cartaz lambe-lambe produzido com stencil. Fonte: Acervo do autor. (Cap. Um)



Figura 3 - Litografias com aquarelas. Fonte: Acervo do autor. (Cap. Um)

Figura 4 - Desenhos de observação no experimento com os colegas universitários.
Fonte: Acervo do autor. (Cap. 2.1)



Figura 5 - Demonstração de xilogravura. Fonte: Acervo do autor. (Cap. 2.2.1)



Figura 6 - Os alunos testaram suas próprias impressões. Fonte: Acervo do autor. (Cap. 2.2.1)

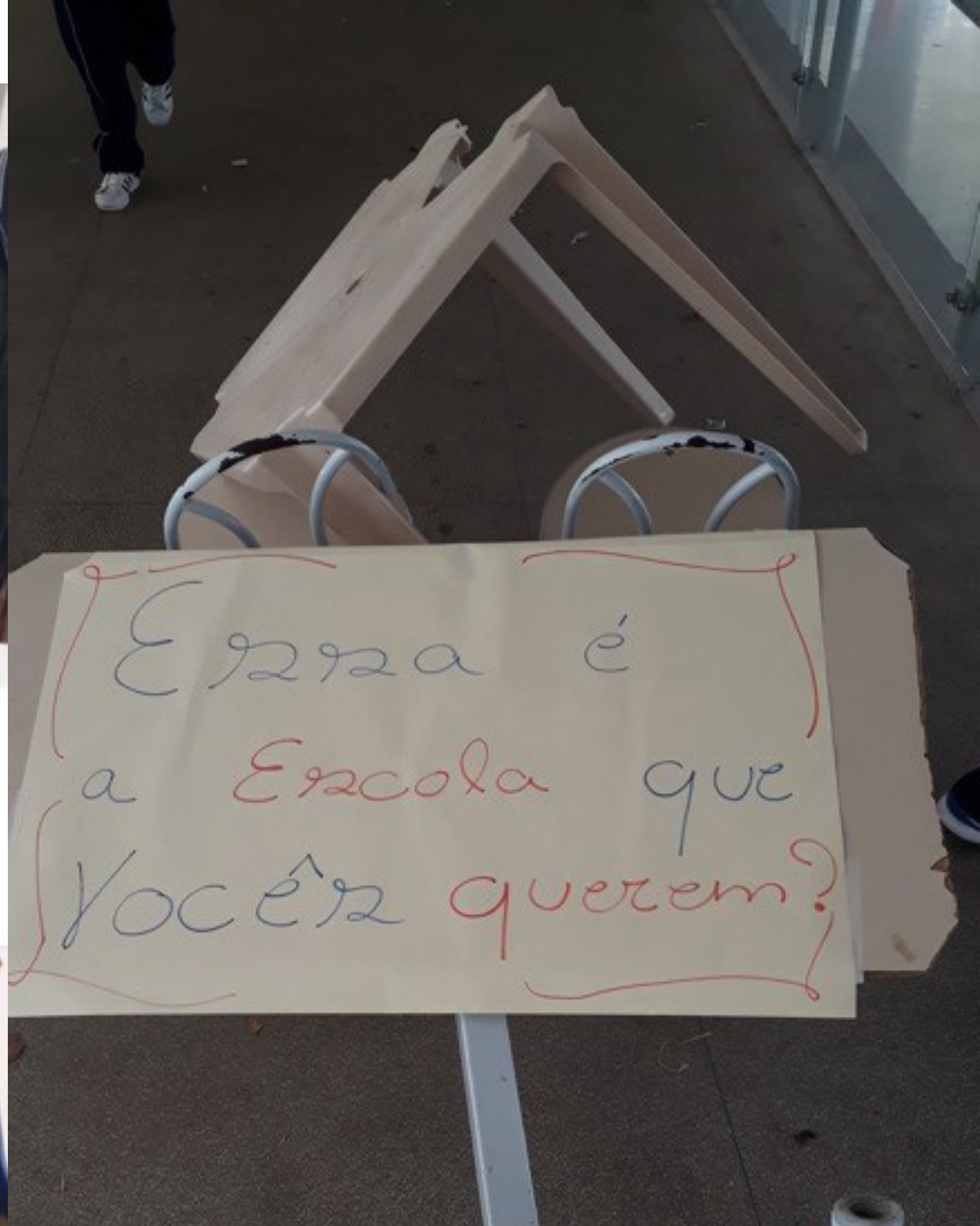


Figura 7—A direção da escola expôs a mesa destruída no pátio questionando se era essa a escola que eles queriam. Fonte: Acervo do autor. (Cap. 2.2.1)



Figura 8 - Forro no telhado da sala de aula. Fonte: Acervo do autor.(Cap. 2.2.2)



Figura 9 - Organização das carteiras após as aulas. Fonte: Acervo do autor. (Cap. 2.2.2)

Figura 10 - Trabalho com stencil e desenho. Fonte: Acervo do autor. (Cap. 3.1)

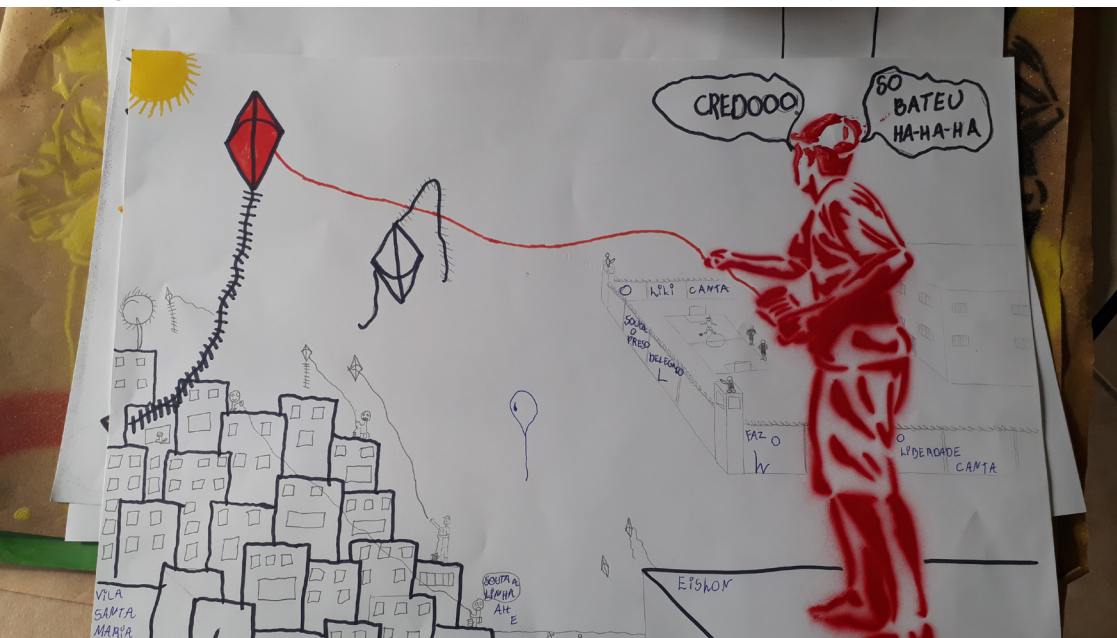


Figura 11 - Composição com stencil e desenho. Fonte: Acervo do autor. (Cap. 3.1)



Figura 12 - Oficina de criação de rostos sem referências. Fonte: Acervo do autor. (Cap. 3.2)





Figura 13 - Oficina de desenho de observação.
Fonte: Acervo do autor. (Cap. 3.2)



Figura 14 - Oficina de construção de papagaios.
Fonte: Acervo do autor. (Cap. 3.2)

Figura 15 - Oficina de estamparia. Fonte:
Acervo do autor. (Cap. 3.2)



Figura 16 - Pintura mural. Projeto Seu Vizinho, Aglomerado da Serra, BH. Fonte: Acervo do autor. (Cap. 3.2)



Figura 20 - Cartaz produzido com gellyprint. Fonte: Acervo do autor. (Cap. 3.3)

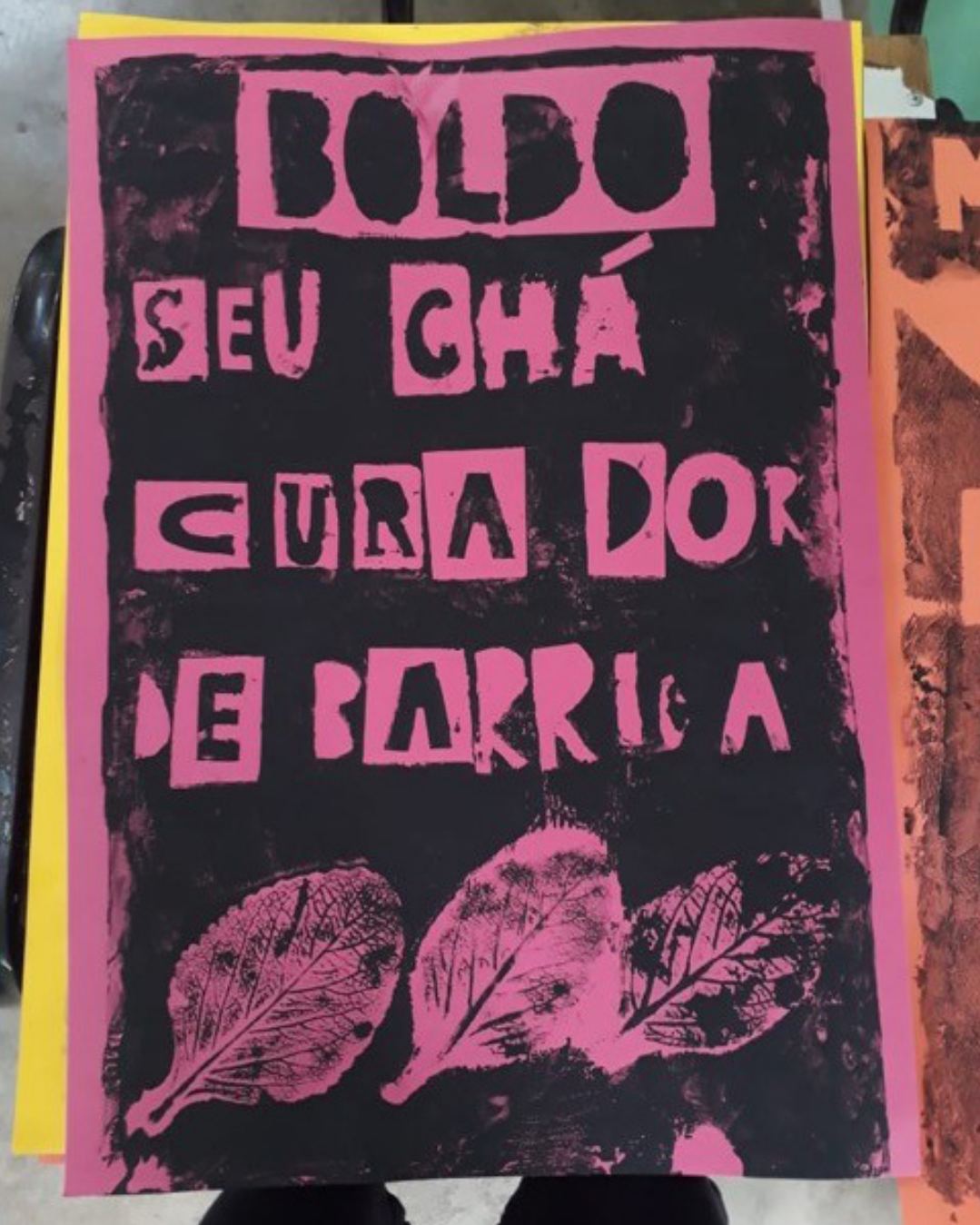


Figura 21 - Cartaz produzido com gellyprint. Fonte: Acervo do autor. (Cap. 3.3)

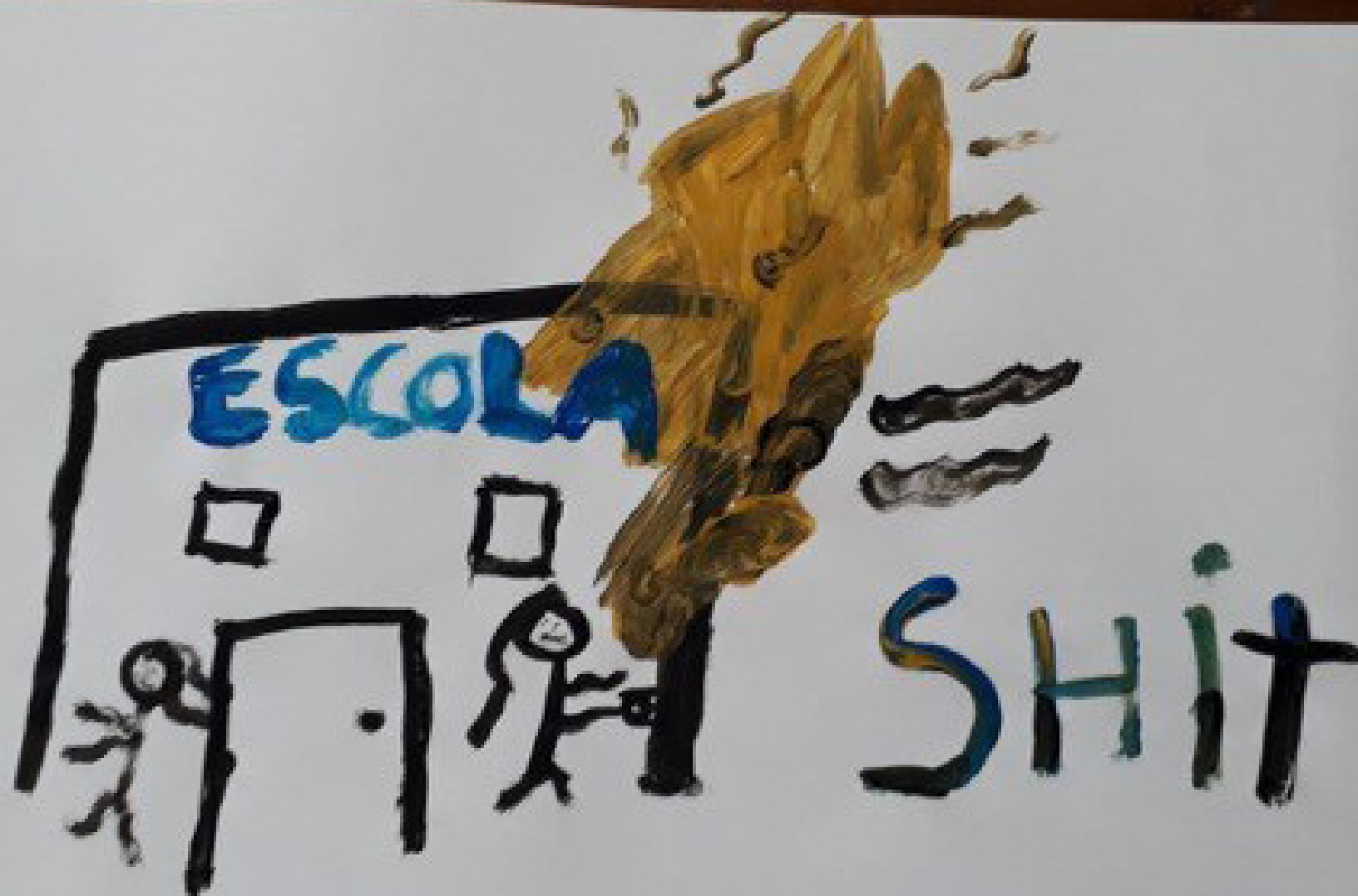


Figura 22 - Pintura de uma jovem do Programa Fica Vivo!.
Fonte: Acervo do autor.

